

PÓS-MODERNIDADE E DESORDEM A TOXICODEPENDÊNCIA COMO SINTOMA

por

Helena Cabeçadas*

Resumo: É feita uma análise dos rituais vigentes em modelos diferentes de comunidades terapêuticas e constata-se, em dois dos modelos analisados (laico/estatal e religioso/privado), a presença da estrutura diacrónica tripartida característica de um ritual de passagem ou de transição. Considerando a toxicodependência como um sintoma de desordem nas sociedades da pós-modernidade, o ritual agiria, nestas comunidades, como um princípio de ordem, necessário e indispensável. A tipologia das formas de resposta à desordem estabelecida por Georges Balandier contribui para clarificar a análise, relativamente aos modelos de Comunidades Terapêuticas estudados.

Palavras-chave: Toxicodependência. Ritual de Passagem. Comunidade Terapêutica.

Résumé: L'auteur fait l'analyse des rites dans trois modèles de communautés thérapeutiques et retrouve, dans deux des modèles étudiés (laïc et religieux), la structure diachronique tripartite caractéristique d'un rite de passage ou de transition. La toxicomanie étant envisagée comme un symptôme de désordre dans les sociétés de la post-modernité, le rite agirait ici comme un principe d'ordre, indispensable et nécessaire. La typologie des formes de réponse au désordre, établie par Georges Balandier, est utilisée pour clarifier l'analyse.

Mots-clé: Toxicomanie. Rites de Passage. Communauté Thérapeutique.

Abstract: An analysis of rites in different models of therapeutic communities is developed in this article. In two of the models (secular and religious), the author finds out, a triphasic structure characteristic of a rite of passage. Being drug addiction a symptom of disorder in post-modern societies, rite will be the necessary frame of order, in these TCs. Georges Balandier's typology concerning different answers to disorder is applied to clarify the proposed analysis.

Key-words: Drug Addiction. Rite of Passage. Therapeutic Community.

1. INTRODUÇÃO

*All shamans Know that death furnishes all with life
Northern Cheyenne Medicine Chief*

A análise da *literatura etnológica* (Harner, 1973¹; La Barre, 1974²; Perrin,

* Antropóloga/C.A.T. Restelo/S.P.T.T.

¹ Harner, Michael J. (1973). *Hallucinogens and Shamanism*. Oxford University Press.

² La Barre, Weston (1974). *The Peyote Cult*. Shoe String Press, Hamden, Conn.

Ao transpor limites e barreiras, ingerindo ou injectando a substância proibida, susceptível de alterar a sua percepção do tempo e do espaço, o toxicómano comete uma *dupla transgressão*, a nível do corpo físico e social, tornando-se um *perigo*, para si e para os outros. A actual pandemia da SIDA contribui para exacerbar estes medos. Assim, ao slogan dos anos setenta: Droga - Loucura - Morte, sucedendo-se, de um modo talvez mais camuflado, o slogan dos anos noventa: Droga - SIDA - Morte. Regressado das suas viagens (*trips*) pelas regiões inacessíveis e caóticas do espírito, que a droga lhe proporcionou, o toxicod dependente está dotado de um *poder* que os outros, aqueles que permaneceram senhores de si e sob controlo da sociedade, não possuem. Este poder exerce-se, por vezes, a diferentes níveis: do grupo de amigos, da família (restrita ou alargada), do bairro, das instituições que dele se ocupam, dos próprios terapeutas. Daí resulta a *ambivalência de estatuto do toxicod dependente*, oscilando entre o herói e o mártir, simultaneamente vítima e carrasco.

Considerado/sentido como um ser *impuro e perigoso*, dotado de um poder equívoco e inquietante, que interessa neutralizar, o intoxicado é assim afastado da sociedade normal (internado: este é sempre o primeiro pedido, insistente e angustiado, dos familiares e/ou envolventes), terá que ser “limpo” (*purificado*), e para tal submetido a determinados *rituais terapêuticos (regeneradores)*.

A questão da *impureza* e do *contágio* está assim, quanto a nós, subjacente a uma análise antropológica que se queira fazer sobre a temática da droga nas sociedades contemporâneas, que nos surge como uma forma de *poluição social*. Aceitamos como definição de impureza a de Mary Douglas - *qualquer coisa que não está no seu lugar*, categoria residual, sentida como ameaçadora da nossa ordem e, por isso mesmo, rejeitada pelo nosso esquema habitual de classificação. (*Uncleannes or dirt is only matter out of place in a context in which places are strongly defined. Human Society varies in its capacities to tolerate disorder*⁷).

A toxicod dependência surgindo-nos como um *sintoma de desordem* nas sociedades da pós-modernidade, o ritual agiria como um *princípio de ordem*, um *quadro de referência (a frame of order)* necessário e indispensável nos casos mais extremos de sofrimento e angústia, susceptível de fazer face ao caos (impureza/perigo) que o abuso de drogas representa. Pelo seu *poder transfigurador* (Lévi-Strauss, 1949⁸), uma nova ordem e um novo equilíbrio tornar-se-iam possíveis.

Essa a razão porque nos interessámos pelos rituais vigentes nos centros de internamento a longo prazo para toxicod dependentes e designados por *comunida-*

⁷ Douglas, Mary (1966). *Purity and Danger. An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London, Routledge and Kegan Paul.

⁸ Lévi-Strauss, Claude (1958). “L’Efficacité Symbolique”, in *Anthropologie Structurale I*. Paris, Librairie Plon. (1ª ed. in *Revue de l’Histoire des Religions*, t. 135, nº 1, 1949).

antropológico da adolescência e, eventualmente, da *iniciação* na sociedade contemporânea: modo de *provar* aos outros e a si próprio que é capaz de transgredir e de assumir riscos, forma de *ter um lugar* na sociedade; ainda que marginal e limitado a um sub-grupo de jovens, quando só há incertezas quanto ao futuro; por vezes a única possibilidade aberta a um jovem de, através do tráfico, ter algum dinheiro e certa autonomia económica. É, dado o seu aspecto de transgressão, talvez a derradeira *prova*, no sentido iniciático do termo, deixada a um adolescente hoje, quando já falharam todas as outras, que lhe permitiriam uma integração positiva no mundo dos adultos. Iniciação degradada esta, sem mestre, e desprovida de conteúdo espiritual e cultural; perigosa, portanto, e potencialmente mortífera, tanto ao nível individual como colectivo.

Françoise Dolto, conhecida psicanalista francesa, aborda no seu último livro, escrito pouco antes da sua morte e que dedica à *causa dos adolescentes*¹¹, os grandes temas da nossa sociedade em crise, entre os quais a questão da droga. Chama a atenção para a importância fundamental dos rituais de iniciação dos jovens nas sociedades tradicionais e para a ausência de equivalentes destes ritos nas sociedades modernas. Esta iniciação ritual, em grupo, facilitava aos jovens a travessia dessa *zona de turbulências que é a morte da infância*, permitindo-lhes a integração no mundo dos adultos sem excesso de angústia. Consistindo numa *série de provas*, algumas das quais muito duras, implicando grande sofrimento físico e moral, outras extremamente perigosas, permitindo testar a força, destreza e capacidade de resistência dos jovens da mesma classe de idade. Nestas provas, no entanto, por muito terríveis que fossem, os neófitos eram sempre *guiados e informados por adultos do mesmo sexo*. Uma vez ultrapassadas e vencidas estas provas colectivas, os jovens passavam a fazer parte, de pleno direito, da sociedade dos adultos. Para o rapaz significava, simbolicamente, o corte da dependência da mãe e da ligação ao mundo das mulheres, ou seja, a aquisição e a conquista da autonomia, tanto a nível individual como colectivo. Tratava-se de um acontecimento marcante, fundamental, e reconhecido como tal por todos os elementos da comunidade.

Nesta travessia crítica que é a adolescência (período de mutação física e psíquica, morte da infância...) os adolescentes de hoje encontram-se desprovidos da ajuda que constituíam esses ritos de iniciação nas sociedades tradicionais. Entregues a si próprios, já não são conduzidos em conjunto, solidariamente, de uma margem à outra desse tempo de rupturas. Necessário se torna que eles se concedam a eles próprios esse direito de passagem. E isso exige da sua parte, segundo Françoise Dolto, uma *conduta de risco*. O uso e abuso de drogas (ilícitas) permitir-lhes-á assumir e realizar essa dupla transgressão, a nível do corpo físico

¹¹ Dolto, Françoise (1988). *La Cause des Adolescents*. Paris, Éd. Robert Laffont.

a zanga da *geração rasca*¹⁵ em Portugal ou o designado *dia do caos*, na Alemanha¹⁶, são sintomáticos deste estado de coisas.

A incerteza, o receio e a insegurança geram o que Balandier designa como *une culture de l'effroi*¹⁷. O medo impõe-se quando o real se torna imprevisível e, como tal, ameaçador. E o uso e abuso de tóxicos surge como um sintoma desse medo, dessa angústia perante um real inquietante e a ausência de futuro. Reveladores são, aliás, os títulos das canções dos ídolos musicais da pós-modernidade: “*No Future*”, “*Teenage Suicide*”, “*Boredom*”, “*Dead Boys*”, “*Suicide Comandó*”... *Estamos-nos nas tintas. Não podemos mudar este mundo já tão podre. Resta-nos ser drogados, malsãos, urbanos, tarados e perversos como a época em que vivemos. E porque não?* diz Mick Jones, de um dos mais famosos grupos de rock punk britânicos *The Clash*. A decadência, a poluição, os cinzentos bairros periféricos, a violência, fazem parte de um quotidiano aceite e partilhado. *É feio, é porco, é mau, e então? É aí que as pessoas vivem.* Estamos longe do *All we need is love* e do socialismo utópico dos Beatles, ingénua e claramente expresso no seu filme *The Yellow Submarine*...

Perante o uso e abuso¹⁸ crescente de tóxicos nas sociedades contemporâneas, algumas *respostas* foram criadas, com objectivos terapêuticos, quer pelo Estado, quer por organizações privadas (ditas de solidariedade social), laicas ou religiosas. Entre estas *respostas* debruçamo-nos mais detalhadamente sobre as designadas como *comunidades terapêuticas*, que começaram a ser criadas, no Ocidente, a partir dos anos sessenta, com especial relevo nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Trata-se, precisamente, dos países onde o impacto do individualismo e da pós-modernidade se fez primeiro sentir e onde, conseqüentemente, a chamada *cultura psi*¹⁹ mais se tem afirmado como resposta ao acumular das *multidões solitárias*²⁰.

Face à solidão urbana, a resposta pela vivência comunitária, durante um prazo nunca inferior a um ano, é assim uma das apostas terapêuticas comum aos diferentes modelos destes programas de tratamento a longo prazo da toxicod dependência. Em certos casos, como no da Associação *Le Patriarche*, a vivência comu-

¹⁵ Como foram designados, pelos *media* e por alguns políticos, os jovens liceais portugueses, que se manifestaram no final do ano lectivo de 93/94 em todo o país, contra as provas globais.

¹⁶ Dia de Julho de 94 em que os jovens *punks* alemães se entregaram a manifestações de vandalismo em Hannover.

¹⁷ Balandier, Georges (1988). *Le Désordre. Éloge du Mouvement*. Paris, Librairie Arthème Fayard.

¹⁸ A noção de *abuso* é muito relativa, variando o seu significado de grupo para grupo, dentro do mesmo contexto cultural, e de cultura para cultura.

¹⁹ Por “*cultura psi*” designamos aquela em que se faz recurso sistemático e generalizado a toda a espécie de especialistas de saúde mental: psicólogos, psicanalistas, grupanalistas, psicoterapeutas, psiquiatras, etc.

²⁰ Segundo a expressão do sociólogo americano David Riesman.

gações relativamente aos outros de tipo claramente definido e *estrutural*²³. Passa a ser-lhe exigido comportar-se de acordo com as normas e referências éticas da sociedade em que se insere.

A *estrutura diacrónica tripartida* característica de um ritual de passagem ou de transição, tal como definida por Van Gennep, está bem clara no modelo de inspiração cristã implementado pelo *Desafio Jovem*:

Assim, aos *Ritos de Separação* da sociedade normal, e do estatuto A (de toxicodependente), corresponderia a fase inicial, de frequência do *Café-Convívio* e de preparação para o internamento: consultas psicológicas e médicas, análises, informação sobre os princípios básicos, religiosos e espirituais do Desafio Jovem, introdução nas temáticas do Evangelho e da Bíblia, cânticos e orações em conjunto, etc. Idêntico trabalho de informação e preparação das famílias para a separação que implica o programa de recuperação.

Aos *Ritos de Segregação* corresponderia a estadia no *internamento*, tanto no Centro de Crise do Lourel como nas comunidades residenciais de Santarém e de Fanhões. Caracterizam-se estes ritos pela ausência de estatuto do sujeito ritual (Turner, 1990), situado fora do tempo e da sociedade, num espaço outro, não normal, separado, afastado das pessoas ditas *normais*, de modo a não as contaminar/poluir.

Sucedem-se os *Ritos de Agregação ou de Incorporação* na sociedade, a que corresponderia, neste modelo, a 5ª e última fase do programa de recuperação do Desafio Jovem, designado justamente por *Reinserção*. A estadia nos *Apartamentos Terapêuticos*, já no exterior, situados nas grandes cidades, em Lisboa e em Setúbal, teria em vista facilitar essa reintegração social, dada a grande dificuldade que há em arranjar alojamento e a importância que tal reveste num processo de conquista de autonomia por parte do jovem. Dá-se o reencontro com a família, já iniciado nas fases finais do tratamento, tem lugar a procura e o início de um novo emprego ou, nalguns casos, o retomar do anterior, enfim, tudo o que possa facilitar uma reintegração social, em moldes diferentes daqueles a que o jovem estava anteriormente habituado. Espera-se que o modelo de vida cristão, que foi apresentado ao jovem como exemplar ao longo das diferentes fases do internamento, tenha sido interiorizado, de modo a que este possa viver sem recurso a drogas e sabendo relacionar-se consigo próprio e com os outros de uma forma positiva, ou seja, *segundo os princípios cristãos defendidos pela Igreja Evangélica*. Se

²³ No sentido que lhe é atribuído por Victor Turner.

realçada por Van Gennep, no seu já clássico estudo. Esta fase *liminal*, porque sentida como *a mais perigosa*, é intensamente ritualizada, sendo o sujeito ritual submetido a uma disciplina rigorosa e a regras bem claras e bem definidas, a que deverão submeter-se as 24 horas do seu quotidiano.

Ao 3º período, de *Reagregação*, corresponderia a *Casa de Saída*, cujo objectivo expresso é o de facilitar a reinserção social do ex-internado. Nesta fase é exigido ao sujeito ritual que saiba comportar-se de acordo com as normas e regras da sociedade em que está inserido. Embora não esteja integrada no C.E.P.D.²⁶, a *Casa de Saída* foi criada por pressão dos seus técnicos, que sempre defenderam a necessidade de um espaço, no exterior da Comunidade Terapêutica, já não em regime de internamento, que permitisse dar continuidade ao projecto terapêutico em curso. Evitar-se-iam assim, na sua opinião, muitas das recaídas provocadas pelo choque com o mundo *lá de fora*, quando da saída do meio muito protegido que é a comunidade²⁷.

Tal como nos diz Mary Douglas²⁸: *Exorcizado o perigo* (da droga, do mal, da impureza), *o ritual teve*, de facto, naqueles que se curaram nas comunidades residenciais do Desafio Jovem e do Restelo, *o poder de refazer o homem*.

O percurso (ou *viagem*) a percorrer pelo toxicodependente (na Comunidade Terapêutica do Restelo) está assim *simbolicamente delineado*, através dos nomes atribuídos às diferentes fases:

1. **Renascer**, a simbologia da morte e do renascimento, presente em todos os rituais iniciáticos. *Há que morrer para um mundo que nos tratou tão mal e que nós tão maltratámos*, é o sentimento (misto de intensa culpabilidade e de vingança) que está subjacente ao pedido de internamento;
2. **Reencontrar-se**, ou a perigosa viagem no interior de si próprio. Esta viagem é particularmente dolorosa e difícil para o toxicodependente que, na altura em que solicita o internamento, já perdeu todo o respeito por si;
3. **Responsabilizar-se**, o que implica a relação com o/s outro/s, a preocupação com o grupo em que está integrado, num determinado tempo e num determinado espaço. Viagem de sentido diferente da anterior (à vertical sucedendo-se a horizontal), mas não menos difícil, porque a dependência de drogas, a longo prazo, já desfez ou perverteu as relações significativas do residente;

²⁶ Actual C.A.T. do Restelo, integrado no S.P.T.T. (Ministério da Saúde).

²⁷ Dificuldades várias levaram ao encerramento recente (1996) desta Casa de Saída. Procura-se, no entanto, um outro local para a sua instalação.

²⁸ Douglas, Mary (1970). *Purity and Danger. Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London, Penguin Books.

-se (semelhança com a 2ª fase do internamento: *Reencontrar-se*).

O **segundo grau**, de **companheiro**, exige ao iniciado a capacidade de dar e receber, ou seja, de saber relacionar-se com os outros numa base de solidariedade e responsabilidade recíprocas (semelhança com a 3ª fase do tratamento: *Responsabilizar-se*).

Da perpendicular ao nível é o lema do percurso a realizar pelo aprendiz maçônico para ascender ao grau de companheiro²⁹. Ou seja, da descoberta de si (viagem na vertical/perpendicular) à descoberta do/s outro/s (viagem na horizontal).

O **terceiro grau**, de **mestre**, será o do saber e o da autonomia só possíveis através do conhecimento, de si e dos outros. (Analogia com a 4ª fase do internamento: *Recomeçar*, mas de forma diferente, sabendo dominar as suas emoções, fazer face aos problemas e às frustrações, estabelecendo relações com os outros de forma positiva).

Reencontramo-nos de novo, nesta nossa reflexão, com Françoise Dolto, quando esta nos chama a atenção para a importância fundamental dos rituais de iniciação dos jovens nas sociedades tradicionais e para a ausência de equivalentes destes ritos nas sociedades modernas. Na nossa perspectiva, no entanto, **equivalentes destes ritos subsistem na pós-modernidade**, ou como sobrevivência de uma tradição iniciática, como no caso da Maçonaria, ou então, face a *situações limite*, de sofrimento e angústia, **novos ritos de carácter iniciático são criados**, porque necessários e inexistentes, alguns dos quais com objectivos terapêuticos, como no caso das comunidades residenciais para toxicodependentes.

O carácter iniciático destes novos ritos nem sempre é assumido, ou compreendido como tal, pelos actores sociais que neles participam. Num dos casos em análise (da Comunidade Terapêutica do Restelo) terapeutas, toxicodependentes, seus familiares e outros envolventes, determinantes das expectativas e das representações culturais a este respeito, não têm consciência explícita do aspecto iniciático dos rituais terapêuticos vigentes nestes centros de tratamento. Noutros casos, o carácter iniciático destes novos ritos está claramente expresso, tornando-se, aliás, uma das razões do seu sucesso: é o caso do Desafio Jovem, tal como das numerosas seitas religiosas que, cada vez mais, se têm vindo a afirmar no universo complexo da pós-modernidade.

Estes rituais iniciáticos apresentam-se, hoje, de uma forma fragmentada, não globalizante, estabelecendo solidariedades parcelares, micro-cosmos a partir dos quais se forjam novas identidades e novas sub-culturas, tanto mais diferenciadas

²⁹ Boucher, Jules (1948). *La Symbolique Maçonnique*. Paris, Dervy-Livres.

- b. *O Sagrado Revivificado*** ou a vivência interiorizada do sagrado. Face à ausência/quebra de sentido, ao apagar de uma ordem sem que seja possível descortinar uma nova ordem, afirmar-se-iam duas tendências:
- b1. *O Nomadismo*** ou a busca incessante, sem objectivos bem definidos. Traduz, nas suas formas de vida, o que a pós-modernidade exprime na mobilidade, no efêmero, no presente.
 - b2. *Os Movimentos de Retorno*** a espaços do social e da cultura onde o passado e a tradição deixaram as suas referências, verificando-se um retorno do sagrado.
- c. *O Pragmatismo***, que é a resposta à desordem pelo *elogio do movimento*, procurando dissipar os receios difusos que este inspira. Consiste em pensar o movimento e a mudança (que lhe está associada) como fonte de uma liberdade nova e fecunda, ao recuar das fronteiras do possível. É a consciência de que é do conflito e da ruptura (da desordem) que poderá nascer uma nova ordem e um novo equilíbrio; ou seja, o conflito compreendido como necessário, porque vital e criativo.

Este estudo de Balandier contribuiu para clarificar a nossa análise e a nossa reflexão sobre *a problemática da toxicodependência considerada como sintoma de desordem* nas sociedades da pós-modernidade.

Parece-nos interessante verificar que, nas respostas que constituem as comunidades terapêuticas por nós analisadas ao drama da toxicodependência nos nossos dias, é possível discernir uma tipologia semelhante à avançada por Balandier:

- a.** Assim, ao *Holismo*, ou *Totalitarismo*, corresponderia, na nossa perspectiva, o modelo de características sectárias da Associação *Le Patriarche*³². Nos seus múltiplos centros de internamento, existentes em vinte e dois países diferentes, o funcionamento do sistema é semelhante: internamento imediato, sem qualquer preparação prévia, situação do internado idêntica à de um prisioneiro (com a diferença que paga a estadia, e bem), submissão a trabalhos forçados, transferências compulsivas, rupturas afectivas sistemáticas, dissolução da identidade, marginalização e isolamento, ausência de preparação para uma eventual saída e vias alternativas de vida fora do quadro da Associação.

³² Este modelo foi por nós analisado no estudo já referido (Cabeçadas, 1994), no cap. intitulado “A Tentação Totalitária”, e no qual procurámos responder à questão: “Serão as Comunidades Terapêuticas instituições totalitárias, no sentido que lhes é atribuído por Erving Goffman?”.

- CAZENEUVE, Jean (1971). *Sociologie du Rite*. Paris, Éditions Gallimard.
- DA AGRA, Cândido (1993). *Dizer a Droga. Ouvir as Drogas*. Porto, Ed. Radicário.
- DE HEUSCH, Luc (1971). “La Folie des Dieux et la Raison des Hommes”, in *Pourquoi l'épouser?*. Paris, Gallimard.
- DOLTO, Françoise (1988). *La Cause des Adolescents*. Paris, Éd. Robert Laffont.
- DOUGLAS, Mary (1970). *Purity and Danger. An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London, Penguin Books.
- DOUGLAS, Mary (1973). *Natural Symbols. Explorations in Cosmology*. London, Penguin Books.
- DURKHEIM, Émile (1968). *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*. Paris, Presses Universitaires de France. (1ª ed. 1912).
- ELIADE, Mircea (1974). *Le Chamanisme et les Techniques Archaïques de l'Extase*. Paris, Payot.
- FRAZER, James (1890). *The Golden Bough. A Study in Comparative Religion*. Cambridge, The Council of Trinity College.
- GENNEP, Arnold Van (1909). *Les Rites de Passage*. Paris, Librairie Critique Émile Nourry (tradução inglesa 1960).
- GIRARD, René (1972). *La Violence et le Sacré*. Paris, Éd. Bernard Grasset.
- GOFFMAN, Erving (1968). *Asiles. Études sur la condition sociale des malades mentaux*. Paris, Les Éditions de Minuit.
- GLUCKMAN, Max (1965). *Rituals of Rebellion in South East Africa*. Manchester, University Press.
- GOMES DA SILVA, José Carlos (1989). *L'Identité Volée. Essais d'Anthropologie Sociale*. Éd. de l'Université Libre de Bruxelles.
- HALEY, Jay (1973). *Uncommun Therapy*. New York, Norton.
- JONES, Maxwell (1953). *Therapeutic Community*. Basic Books, New York.
- LEACH, Edmund (1976). *Culture and Communication*. Cambridge University Press.
- LEWIS, I.M. (1986). *Religion in Context. Cults and Charisma*. Cambridge University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1958). *Anthropologie Structurale I*. Paris, Librairie Plon.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1962). *La Pensée Sauvage*. Librairie Plon, Paris.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1966). *Mythologiques 2: Du Miel aux Cendres*. Paris, Librairie Plon.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1971). *Les Jardins de Corail*. Paris, François Maspéro.
- NORMAN, Karin (1993). “Celebrating Nikolaus Day: Ideology and Emotion in a German Children's Ritual”. *Revista Ethnology*, vol XXXII, nr. 4.
- RAPOPORT, R. N. (1959). *Community as a Doctor*. London, Tavistock Publications.
- TURNER, Victor (1990). *Le Phénomène Rituel. Structure et Contre-Structure*. Paris, Presses Universitaires.